



## Resenha:

CAEIRO, António de Castro. *O que é a filosofia?. Lisboa: Tinta-da-China, 2023, 376p.*

Joaquim Pinheiro  [a]

Madeira, Portugal

[a] Universidade da Madeira

**Como citar:** PINHEIRO, Joaquim. Resenha: CAEIRO, António de Castro. *O que é a filosofia?. Lisboa: Tinta-da-China, 2023, 376p. Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 36, e202431517, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/2965-1557.036.e202431517>.

Já na 2ª edição, desde que foi publicado pela primeira vez em 2023, este livro é o resultado de seis sessões, no Centro Cultural de Belém (Lisboa), entre Outubro e Novembro de 2020. Ou seja, foi concebido em período pandémico e de confinamento. Essa marca está no livro, em diversos momentos, , como se constata na p. 49: “Mas encontramos-nos continuamente, mesmo sem disso nos apercebermos, virados para o que está aí por vir: o fim da sessão, depois o jantar, o fim-de-semana que se aproxima, o Natal já a espreitar, o fim da pandemia” ou “Vemos na situação de epidemia pandémica, de uma forma extrema, as restrições a que estamos submetidos, mas também, ao nível mundial, calculamos a relação entre o número de habitantes do planeta e os seus recursos” (pp. 203-204). Num contexto destes, a filosofia constitui-se como uma importante ferramenta para controlar a ansiedade ou até a indolência (à letra, ‘a falta de dor’), porque a metodologia inerente à filosofia confere consciência e piedade, neste caso.

Das referidas seis sessões resultaram os seis capítulos deste livro: Aristóteles, Platão, Santo Agostinho, Kant, Wittgenstein e Heidegger. Na linha de outros filósofos, como Heidegger, precisamente, o título, em forma de interrogativa directa, *o que é a filosofia?*, reflecte o conteúdo da obra e resume o espírito indagador da *techne* filosófica na busca de entender a existência e as suas diversas formas. A filosofia é uma tentativa de inteligibilidade ou uma provocação à existência, como a literatura pode ser uma tentativa de imitar a realidade e o direito uma tentativa de organizar e de conferir justiça às sociedades. E nós o que somos? Uma tentativa da criação, com a hipótese de tentarmos ser perfeitos e felizes? Talvez sim, talvez não. Ou apenas sombra de um sonho, como nos disse Píndaro.

[a] Doutor em Letras pela Universidade da Madeira, e-mail: [pinus@uma.pt](mailto:pinus@uma.pt)

De facto, este livro em pensamento hexagonal conduz-nos por uma viagem reflexiva que tem, desde logo, o mérito de ter uma narrativa elegante, com ritmo constante. Apesar de abordar temas complexos, o A. recorre a um registo escrito de notável clareza, um mérito digno de nota. Por isso, o leitor sente-se interpelado pela torrente filosófica, também porque a escrita tem uma forte marca oral. De seguida, registamos a marca autobiográfica desta obra. Quando lemos estudos sobre a narrativa biográfica, entre outras teorias, deparamo-nos com uma que é fácil de enunciar: toda a obra é biográfica ou autobiográfica. Talvez assim seja, mas essa não é uma matéria que queiramos agora discutir. Pela leitura destes 6 filósofos, de Platão a Heidegger, essa teoria sai reforçada, uma vez que a marca biográfica está muito presente, como por exemplo, em *A Ética a Nicómaco* de Aristóteles ou na monumental obra de Santo Agostinho, *As Confissões*. Na verdade, este livro contém vários apontamentos autobiográficos, quase sempre em forma de fragmento ou como se fosse um resumo para apoiar a argumentação ou a amplificar: o desporto de combate, a ida para o treino ou as tardes de sábado no Rock Rendez-Vous, um espaço musical de grande relevância na década de 80 em Lisboa. Uma outra marca a realçar é a intertextualidade, uma vez que os 6 textos relacionam-se, complementam-se, dialogam e esclarecem-se. Por conseguinte, o leitor é obrigado a reler constantemente ou depara-se com a repetição de vários conceitos ou dúvidas. É, ainda, de salientar uma outra característica: a relação entre o pensamento e a palavra. O verbo/palavra neste livro é cuidado e intimamente ligado à raiz etimológica (em particular, ao latim e ao grego), até porque o verbo comanda o sentido, como aprendemos nas línguas clássicas: olha-se primeiro para o verbo e depois surgem as perguntas: quem? A quem? Com quem? O quê? A partir daqui a estrutura decompõe-se, organiza-se e evidencia-se. De igual modo, o pensamento exige um verbo que o ilumine. Assim sendo, este livro é um excelente exemplo de como o esforço filosófico é um exercício arqueológico, na busca do sentido, sem o A. sobrecarregar a sua narrativa com citações dos tratados filosóficos. Esses textos estão no livro, são a base, mas a narrativa é dominada pelo pensamento que esses textos geram.

Numa imagem para ilustrar este livro, pensemos na estrutura de uma casa. Entramos, subimos as escadas e deparamo-nos com seis portas dispostas de forma igual, com a indicação de Platão, Aristóteles, até Heidegger. Podemos, ou não, começar por Platão, mas se o A. optou por esta organização vamos segui-la. Entramos na primeira, apreciamos a divisão e saímos. Fazemos o mesmo para as outras. Alguns leitores, no entanto, podem apenas entrar na primeira porta e na quinta, outros ficam-se somente por Kant. Porém, este livro exige um pouco mais. Dentro das divisões percebemos que há ligação interna entre as divisões, mas é preciso descobrir essa passagem. E, além disso, há objectos comuns, semelhantes, colocados na parede ou em cima de móveis. Assim sucede neste interessante livro. Há uma dinâmica de pensamento e palavras que se repetem e nos vão adicionando espessura de sentido.

Começando pelos últimos três filósofos, passemos a analisar as temáticas e as perguntas que cada um dos nos legou e que continuam a preencher o pensamento humano, segundo a interpretação do A. Quanto a Kant, ficou conhecido pelas questões – por exemplo, que posso conhecer? Que devo fazer? Que me é permitido esperar? O que é o ser humano? – ligadas, respectivamente, à metafísica, à moral, à religião e à antropologia. Com base na razão humana, acreditava Kant ser viável realizar a possibilidade do humano. Esse entusiasmo pelo humano, no que pode conhecer, fazer ou pensar, da sua relação com os outros em comunidade, é uma das marcas do pensamento de Kant, na certeza de que cada um de nós existe num determinado intervalo, entre o nada e a totalidade, mas num entre que torna possível o humano. Sobre Wittgenstein, o A. sublinha a ideia de gramática e da classificação dos enunciados, como forma de entender o pensamento. Cita, assim, vários exemplos de jogos de linguagem, em sentido declarativo, que expressam um saber (“pôr uma hipótese e testá-la”), incluindo-se o silêncio.

Por conseguinte, a linguagem é uma actividade, é uma forma de vida ou “a linguagem corresponde à formação da própria vida” (p. 284). Por sua vez, em Heidegger, sobressai a ideia de impulso e, sobretudo, como a filosofia é uma cadência, assemelhando-se à arte da música (“fazer filosofia é fazer música”, p. 306); por isso, tem ritmo, melodia, movimento, sons, mas tudo isso precisa de uma disposição, tal como a organização de uma orquestra, pois cada elemento tem o seu momento, o seu tempo, numa relação consigo e os outros. É essa disposição que se procura, que orienta e confere sentido. Realça outro conceito que atravessa a história da filosofia: o que é o sentido? Como encontrar um sentido? Como se pode viver sem sentido? O que acontece ao tempo se a vida se desencontra do sentido? Ainda quanto às disposições, umas são fundamentais, outras normais, diríamos que algumas estranhas e outras adormecidas, mas que podem ser activadas. O contexto, o percurso, o desejo ou a motivação podem determinar a disposição, sem afastar a problemática da vida humana: fomos, somos e seremos, em cadência interligada. Quanto maior for a transparência, significado aqui atribuído à palavra grega *sophia*, melhor será o sentido que cada um determina para a sua existência.

De outra forma, com diferente enunciação, estas questões encontramos-as nos capítulos dedicados aos outros três filósofos: Platão, Aristóteles e Santo Agostinho. No que concerne ao pensamento de Platão, conduz-nos o A. pela ideia de que fazer filosofia é fazer amor, uma forma de amor, enquanto desejo, impulso e obsessão pela sabedoria/transparência. Além disso, explora também a expressão de desejo enquanto aquilo de que se sente falta, ou seja, a ausência provoca algo. Para Aristóteles, diz-nos o A., não interessa ensinar filosofia, mas fazer com que seja possível manifestar-se em cada indivíduo uma “perspectiva sobre a vida” (p. 97), com lucidez. De facto, pensar transfigura, sendo pensamento e realidade caminhos distintos, mas que se cruzam. Muitas vezes a filosofia isola os elementos da realidade para tentar compreendê-los, perceber a sua relação, a sua função, num quadro mais vasto (por exemplo, os elementos da gramática). Também são colocadas outras perguntas neste capítulo: o sentido da felicidade? o que vemos realmente? como nos surgem as ideias e os pensamentos? Em todas as respostas, há possibilidades, tentativas de aproximação que aumentam a curiosidade do saber, sendo essa a essência da filosofia. Sobre o capítulo dedicado a Santo Agostinho, realçamos a referência à relação de Deus com o humano. Como Deus está no tempo, de forma diferente, e faz o tempo para vivermos, mas um tempo cronicamente finito. Neste quadro, é muito complexo entendermos a eternidade. Talvez por isso interpretamos o tempo numa perspectiva de duração, não tanto de vivência e como sujeitamos o tempo a uma inevitável tensão. Deus está no tempo, nós, seres finitos, estamos a passar pelo tempo. Ele continua, nós vamos dando lugar a outros para viverem a experiência do tempo. Deus permanece, nós passamos, estamos em trânsito. Tudo isto gera perguntas: Como Deus vive o instante? Como conseguiu Deus pensar o nosso tempo, os instantes num tempo finito? É quase como pedir a uma criança que entenda a finitude, quando a ideia de eternidade lhe faz muito mais sentido. E de novo a complexidade e a função da linguagem: para Santo Agostinho, Deus fala e as coisas aparecem (cf. p. 183). Mas como entender Deus se não o vemos ou sentimos? Nem tudo o que existe é visto e não podemos viver circunscritos ao que vemos directamente. De facto, podemos, por exemplo, passar a vida apaixonados por algo em concreto e nunca viver essa experiência ou a conhecer essa realidade.

Por fim, sintetizamos duas ideias, pensamentos ou questões transversais deste livro. Em primeiro lugar, o conceito de transparência. Para o A., a filosofia é a busca da transparência, mas também é nostalgia, provocação, música, experiência humana, possibilidade, obsessão, curiosidade ou esforço. Em segundo lugar, este livro explora outra dimensão, que é o conceito de “ausência” ou “esvaziamento”: o que está ausente não significa que seja inexistente, apenas o não conseguimos ver ou entender. A ideia de alienação, de sairmos do tempo para nos vermos ou a noção de que, na ausência, pensamos (na voz

activa, passiva e média). Logo, com a ausência, aproximamo-nos da capacidade para travarmos o nosso tempo. Acrescentamos, ainda, um predicativo do sujeito para completar a definição: a filosofia é *actividade*. A palavra 'actividade' ocorre 148 vezes neste livro e é estruturante para elaborarmos as perguntas e estruturarmos as respostas.

Consideramos que, para estudantes de filosofia ou simplesmente para aqueles que valorizam o pensamento, este livro oferece uma interessante cadência de perguntas, dispostas de forma harmoniosa e com um notável sentido pedagógico.

## Referência

CAEIRO, António de Castro. *O que é a filosofia?*. Lisboa: Tinta-da-China, 2023, 376p.

---

RECEBIDO: 29/04/2024  
APROVADO: 02/05/2024

RECEIVED: 04/29/2024  
APPROVED: 05/02/2024